Damas e cavalheiros,

Requeriu-se-me que lhes falasse do grande mundo desconhecido da Segunda Guerra mundial: a Waffen SS.

Em certo sentido, é surpreendente que a organização que fora tanto política quanto militar e que durante a Segunda Guerra Mundial uniu mais de um milhão de combatentes voluntários, continua sendo oficialmente ignorada.

Por que?

Por que as crônicas oficiais continuam ignorando virtualmente a este extraordinário Exército de voluntários? Um exército que foi o *vortex* da batalha mais gigantesca que já afetou o mundo.

A resposta mais possível está no fato de que a característica mais marcante das Waffen SS foi sua composição, regada a voluntários de cerca de trinta países distintos.

Que causa os agrupava e por que ofereceram voluntariamente suas vidas?

Tratava-se de um fenômeno alemão?

A princípio, sim.

Inicialmente, a Waffen SS constituía-se por menos duzentos membros. Cresceu constantemente até 1940, quando entrou em uma segunda fase: as Waffen SS germânicas. Somando-se a seus congêneres da Alemanha, europeus norte-ocidentais e descendentes de alemães provenientes de toda Europa se alistaram.

Depois, em 1941, durante o grande choque com a União Soviética, surgiu a Waffen SS européia. Homens jovens dos países mais distantes lutaram juntos na frente russa.

Nada se sabia sobre a Waffen SS durante a maior parte dos anos prévios à guerra. Até os mesmos alemães necessitaram de algum tempo para reconhecer os feitos distintos dela.

Hitler chegou à chancelaria democraticamente, vencendo nas urnas eleitorais. Impulsionou campanhas eleitorais como qualquer outro político. Falou em palanques, fez propagandas murais. Sua mensagem atraiu audiências massivas. Cada vez mais pessoas se entusiasmavam com o que ele tinha a dizer. Gradativamente, cada vez mais pessoas votavam nos membros de seu Partido, para que ocupassem as bancas do Congresso. Hitler não subiu ao Poder através da força, mas porque foi legalmente eleito pelo Povo e legalmente nomeado Chanceller pelo Presidente da Alemanha, Marechal von Hindenburg. Seu governo foi legítimo e democrático. De fato, somente dois de seus partidários estiveram incluídos em seu primeiro Gabinete.

Mais tarde, sempre mediante o processo eleitoral, foi capaz de aumentar sua maioria. Quando, finalmente, algumas eleições lhe deram 90% dos votos, Hitler havia ganhado cada voto por seus próprios méritos.

Durante suas campanhas, Hitler enfrentou formidáveis inimigos: o Poder Estabelecido, que não teve nenhum escrúpulo de manipular os processos eleitorais. Teve que fazer-lhe frente ao *establishment* de Weimar e seus muito bem financiados Partidos liberais e esquerdistas, à parte de um bloco excelentemente organizado de seis milhões de membros do Partido Comunista. Somente uma luta audaz e constante, dirigida a convencer as pessoas para votassem nele, possibilitou a Hitler obter uma maioria democrática.

Naqueles dias, a Waffen SS não era senão um fator a considerar. Existia certamente a SA, com cerca de três milhões de homens. Eram membros afiliados e militantes do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, mas certamente não constituíam um Exército. Sua função principal era a de proteger os candidatos partidários da violência comunista. E esta era, certamente, assassina: mais de quinhentos nacional-socialistas foram assassinados pelos comunistas. Milhares ficaram gravemente feridos.

A SA foi uma organização de voluntários, não estatal, e no momento em que Hitler subiu ao Poder já não podia servir-se de sua ajuda como antes. Tinha que trabalhar dentro do sistema no qual havia sido eleito para servir. Logo caiu em uma situação desvantajosa. Tinha que enfrentar uma grande burocracia originada pelo velho regime. De fato, quando a guerra começou em 1939, 70% dos burocratas alemães haviam sido designados pelo velho regime e não pertenciam ao Partido de Hitler. Este não podia contar com o apoio da hierarquia eclesiástica. Tanto a grande empresa como o Partido Comunista eram hostis ao seu programa. Além disso, existia uma miséria generalizada e seis milhões de trabalhadores se encontravam sem emprego. Nenhum país na Europa havia presenciado um número tão grande de pessoas desempregadas.

Deste modo, temos um homem quase que sozinho. Os três milhões de membros da SS não estão no Governo. Votam e ajudam a ganhar as eleições, sem poder suplantar a burocracia inserida nos postos do Governo. A SA também foi incapaz de exercer influências sobre as Forças Armadas, porque os altos comandos, temerosos de uma competência, se mostravam hostis a ela.

Esta hostilidade chegou a um ponto que Hitler se viu frente a um difícil dilema. Que fazer com os milhões de fiéis que lhe haviam ajudado a chegar ao Poder? Não podia abandoná-los. O Exército regular era uma estrutura de Poder altamente organizada. Apesar de contar com apenas 100.000 homens – de acordo com o número ditado pelo Tratado de Versalhes – exercia uma grande influência sobre os assuntos do Estado. O presidente da Alemanha era o Marechal de Campo von Hindenburg. O Exército constituía uma casta privilegiada. Quase todos os oficiais pertenciam às classes altas da sociedade.

A Hitler era impossível enfrentar o Exército de modo frontal. Ele havia sido eleito de modo democrático e não podia fazer o mesmo que Stalin: colocar os pelotões de fuzilamento para executar todo aparato militar. Stalin matou a

trinta e oito mil oficiais de alto escalão. Essa foi sua maneira de fazer lugar para seus próprios comissários de confiança. Semelhantes métodos drásticos não podiam ser incorporados na Alemanha e, ao contrário de Stalin, Hitler estava rodeado de inimigos internacionais.

Sua eleição havia provocado o ódio internacional. Havia ido aos votantes diretamente sem a intermediação dos Partidos estabelecidos. Sua plataforma partidária incluía uma exortação que ressaltava a importância de manter-se a pureza racial na Alemanha, assim como regressar o Poder ao Povo. Estes princípios enfureceram de tal como o judaísmo internacional que os judeus, em 1933, declararam oficialmente a guerra à Alemanha.

Contrariamente ao que se diz, Hitler tinha um poder limitado e estava só. Como fez o Homem para sobreviver durante estes primeiros anos, é algo que desafia o entendimento. Somente o fato de que Hitler era um gênio excepcional explica a sobrevivência sua, tendo passado por todas as dificuldades que se podem imaginar. Tanto para o estrangeiro como para a Alemanha, Hitler tinha de dobrar-se, de modo incansável, para demonstrar somente sua boa vontade.

Mas, apesar de todos os seus esforços, Hitler gradualmente estava sendo empurrado para o abismo. O entredito entre o Exército e a SA começou a aguçar-se. Seu velho camarada, Ernst Roehm, chefe da SA, queria seguir o exemplo de Stalin e eliminar os altos escalões. A situação terminou com a morte de Roehm, sobre a qual, na realidade, pouco se sabe: se teria cometido suicídio ou sido executado, como muitos dos seus assistentes. O Exército juntou pedaços para colocar a SA de volta a seu lugar.

Neste tempo, os únicos SS disponíveis por toda Alemanha estavam na Guarda pessoal do Chanceller Hitler: cento e oitenta homens no total. Eram homens jovens, de qualidades excepcionais, mas sem nenhum papel político. Sua função consistia na proteção da Chancelaria e a prestação de armas diante dos dignitários visitantes.

Foi deste minúsculo grupo de 180 homens que, poucos anos mais tarde, surgiria um Exército de um milhão de soldados. Um Exército de coragem sem precedentes, estendendo seu chamado por toda Europa.

Depois que Hitler foi forçado a reconhecer a superioridade do Exército tradicional, compreendeu que os altos comandos nunca apoiariam seus projetos revolucionários sociais. Era um Exército de aristocratas.

Hitler, em troca, era um Homem do Povo; um homem que teve êxito em barrar a desocupação a um ritmo não superado até o dia de hoje. Em dois anos deu trabalho a seis milhões de alemães desempregados e eliminou a miséria intolerável. Em cinco anos, o trabalhador alemão duplicou seu salário, sem inflação. Centenas de milhares de belos lugares foram construídos para os trabalhadores a custos mínimos. Cada casa contava com um jardim para cultivar flores ou verduras. Em todas as fábricas foram construídos campos para esportes, piscinas para natação e suas máquinas eram decentes.

Pela primeira vez, ampliaram-se os empregos pagos. Os comunistas e capitalistas tinham ignorado completamente esse benefício social. Sua conquista foi uma criação de Hitler. Ele criou também os famosos programas "da alegria à saúde", mediante os quais os trabalhadores, a preços módicos, puderam abordar barcos de passageiros e visitar qualquer parte do mundo.

Todas estas melhorias sociais não foram de agrado do Poder Estabelecido. Os grandes magnatas comerciais e os banqueiros internacionais estavam preocupados. Mas Hitler os enfrentou. O comércio pode obter ganhos somente se o povo é pago decentemente e se está permitido trabalhar e viver com dignidade. Em primeiro lugar está o povo, não os negócios.

Esta foi apenas uma das reformas de Hitler. Iniciou centenas de outras. Literalmente reconstruiu a Alemanha. Em poucos anos se construíram mais de 8.000 km de grandes estradas. Criou-se a Volkswagen, ao alcance de todo trabalhador. Qualquer trabalhador podia ter acesso a este automóvel com um pagamento de cinco marcos por semana. Foi algo sem precedentes na Europa. Graças às grandes estradas, o trabalhador – pela primeira vez – pôde visitar qualquer parte da Alemanha, guiado por sua vontade. Os mesmos programas se aplicavam aos campesinos e à classe média.

Hitler se deu conta de que, se queria que suas reformas sociais se desenvolvessem livres de sabotagens, necessitaria de uma poderosa coluna; uma coluna que deveria impor respeito. Não se enfrentou ao Exército. No lugar disso, habilmente começou a construir a SS. Necessitava delas desesperadamente porque Hitler era, acima de tudo, um político. Para ele, a guerra era o último recurso. Seu objetivo era o convencimento da gente, obter sua lealdade, particularmente da geração jovem. Sabia que os altos comandos identificados com o Poder Estabelecido tradicional se lhe oporiam em cada novo giro dos acontecimentos. E estava certo. Através dos oficiais do alto escalão, o Poder Tradicional fazia um complô para derrotar o democraticamente eleito governo de Hitler. Conhecido como o Complô de Munique, os conspiradores foram detectados a tempo. Isto foi em 1938.

Em 20 de Julho de 1944, Hitler quase perdeu a vida quando oficiais aristocráticos colocaram uma bomba debaixo de sua mesa de trabalho.

Para não alarmar o Exército, Hitler expandiu a SS conventendo-a em uma força responsável pelo mantimento da paz e ordem. Existia, certamente, uma força policial alemã mas, outra vez, Hitler não podia estar seguro de sua lealdade. Os 150.000 policiais tinham sido designados pelo regime de Weimar. Hitler necessitava das SS não somente para detectar complôs, mas principalmente para proteger suas reformas. No tempo em que seu inicial Leibstandarte de 180 homens, cresciam outros regimentos, como o Deutschland e o Germania.

Os altos comandos do Exército fizeram de tudo para impedir o recrutamento das SS. Hitler rodeou os obstáculos decidindo que fosse o Ministério do Interior e não o Ministério de Defesa o encarregado de efetuar o recrutamento. O Exército contra-atacou desalentando o recrutamento de homens entre 18 e 45 anos de idade. Sobre a base da defesa nacional, os civis

foram ordenados a servir quatro anos, oficiais sem comissão doze e oficiais em comissão vinte e cinco anos. Pensava-se que estas disposições deteriam o recrutamento das SS em suas próprias origens. Sucedeu o contrário. Milhares de homens jovens corriam a apresentar-se. Apesar do prolongado do serviço, foram muitos mais os que podiam ser aceitos.

Os jovens sentiam que a SS era a única Força Armada que representava a seus ideais. As novas formações da jovem SS capturaram a imaginação pública. Vestidos em elegantes uniformes negros, os SS atraíam mais e mais jovens. Levaram dois anos, de 1933 a 1935, e uma constante guerra de nervos com o Exército, até chegar a uma força de 8 mil SS. Nesse tempo, o nome Waffen SS sequer existia. Não será até 1940, depois da Campanha da França, que as SS será chamada oficialmente de "Waffen SS". Em 1935, chamavam-se simplesmente SS. Contudo, os 8 mil SS não chegavam a muitos em um país de 80 milhões de habitantes. E Hitler teve de buscar outro modo ainda para esquivar o Exército. Criou as guardas da Totenkopf. Eram realmente SS camuflados, mas sua função oficial consistia em custodiar os campos de concentração.

Que eram estes campos de concentração? Eram simplesmente campos de trabalho forçados onde os comunistas intratáveis foram postos a trabalhar. Se lhes tratava corretamente, porque se partia da idéia de que cedo ou tarde poderiam ser convertidos ao patriotismo. Havia dois campos de concentração em um total de três mil pessoas. Três mil entre um total de seis milhões de membros afiliados ao Partido Comunista. A cifra representa um para cada dois mil. Até justo antes da guerra havia menos de dez mil internos no total.

Deste modo, o recurso das Totenkopf produziu quatro regimentos. No momento adequado se uniriam à SS. A Totenkopf se manteve apartada mediante um elaborado sistema de recrutar reservas aos efeitos de manter sua força de um modo que não chamasse a atenção.

A princípio da guerra, a Totenkopf contava com 40.000 homens. Se os enviaria a 163 unidades separadas. Mesmo tanto, a Leibstandarte inicial chegara aos 2800 efetivos e outro regimento foi formado em Viena pela época da anexação. Os jovens que se somavam à SS eram treinados como nunca antes o havia sido nenhum exercito do mundo inteiro. A instrução militar e esportiva era intensiva, mas era o mantimento físico que levava o maior rigor. Praticavam esportes com um grande nível. Qualquer deles podia ter participado com distinção nos Jogos Olímpicos. A extraordinária resistência física dos SS na frente russa, que tanto assombrou ao mundo, foi o produto desse treinamento intensivo.

Também havia o treinamento ideológico. Aos jovens se lhes mostrava por que estavam lutando, que topo de Alemanha estava ressurgindo ante seus próprios olhos. Se lhes mostrava como a Alemanha estava sendo moralmente unificada mediante a reconciliação das classes e fisicamente reconstituía mediante a recuperação dos territórios alemães perdidos. Se lhes fazia ver claramente sua relação de parentesco com todos os demais alemães que viviam em países estranhos. Na Polônia, Rússia, nos Sudetos e em outras

partes da Europa. Se lhes ensinava que todos alemães representavam uma unidade étnica.

Os jovens SS eram educados em duas academias militares; uma em Bad Toelz e outra em Braunschweig. Estas academias eram totalmente diferentes dos obscuros quartéis do passado. Combinando a estética com o mais avançado da tecnologia, as academias estavam situadas no meio de cem hectares de uma bela paisagem. Hitler se opunha a qualquer guerra, particularmente na Europa ocidental. Nem sequer concebia a SS poderia participar de uma guerra semelhante. Por cima de tudo, a SS era uma força política. Hitler considerava que os países ocidentais eram culturas individuais que poderiam ser defendidas, mas certamente não conquistadas. Dava-se conta de que um conflito dentro do Ocidente construiria uma guerra civil sem vencedores.

A concepção européia de Hitler estava muito adiantada se comparada aos seus vizinhos. A mentalidade de 1914-1918, quando pequenos países combateram a outros pequenos países por alguns pedaços de terra, todavia imperava na Europa de 1939. Não assim no caso da União Soviética, onde o internacionalismo havia suplantado o nacionalismo. Os comunistas nunca pensaram em servir aos interesses da Rússia. O comunismo não se limita a adquirir pedaços de território, mas apontar suas armas e partir em busca da dominação total do mundo.

Este é um fator dramaticamente novo. Esta política de conquista mundial continua sendo perseguida até os dias de hoje no Vietnam, Afeganistão, África ou Polônia. Naquela época, era um conceito totalmente novo. Somente entre todos os demais líderes do mundo, Hitler foi o único que compreendeu este conceito como uma ameaça para todas as nações.

Hitler se acordava vividamente do desastre desatado pelos comunistas na Alemanha ao final da Primeira Guerra Mundial. Particularmente em Berlim e Baviera, os comunistas, sob ordens estrangeiras, organizaram um Estado dentro do Estado e quase se quedaram com o Poder. Para Hitler, tudo apontava ao Leste. A ameaça era o comunismo.

À parte desta falta de interesse de subjugar a Europa, Hitler tinha consciência de que não podia arriscar-se em uma guerra em duas frentes. Neste ponto, os Aliados, em lugar de deixar que Hitler combatesse o comunismo, tomaram a funesta decisão de atacar a Hitler. As autodenominadas Democracias ocidentais se aliaram com a União Soviética, com o propósito de rodear e destruir o governo democrático da Alemanha.

O Tratado de Versalhes havia amputado a Alemanha por todas partes. Foi desenhado para manter a Alemanha em meio a um permanente colapso econômico e uma permanente impotência militar. Os Aliados haviam ratificado toda uma rede de Tratado com a Bélgica, o recentemente criado Estado da Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia e Romênia para pressionar a Alemanha de todas as partes. Agora, no verão de 1939, os Governos da Inglaterra e França estavam negociando secretamente uma aliança militar total com a

União Soviética. As conversações foram sustentadas em Moscou e os documentos firmados pelo Marechal Zhukov.

Tenho esses documentos em meu poder. São surpreendentes. Em um, pode-se ler um informe garantindo que a Inglaterra e França podiam contar com a participação soviética para ocupar a Alemanha. Depois da ratificação, a União Soviética apoiaria as forças anglo-francesas com um respaldo de 5.500 aviões de combate, de modo imediato, ao que cabe somar a reserva de toda a Força Aérea Soviética. Entre 9 e 10 mil tanques seriam postos também a disposição. Em contrapartida, a União Soviética exigia os Estados do Báltico e um livre acesso à Polônia. O plano recomendava um pronto ataque conjunto.

A essa altura dos acontecimentos, a Alemanha ainda estava minimamente armada. Os negociadores franceses compreenderam que os 10 mil blindados soviéticos imediatamente destruiriam aos 2 mil blindados alemães. O que não compreenderam foi que os soviéticos em pouco tempo provavelmente parariam na fronteira com a França. Por seu lado, os britânicos estavam mais que dispostos a deixar que os soviéticos tomassem toda Europa.

Rodeado por todos os lados, Hitler decidiu uma vez mais fazer sua própria paz com uma ou outra parte da aliança anglo-soviética. Voltou-se para os Governos da França e Inglaterra, exigindo conversações formais de paz. Seu chamado pela paz foi contestado com uma catarata de insultos e denúncias difamatórias. A imprensa internacional, de modo único e sem precedentes na história, de um modo sem orquestrou uma orgia de ódio contra Hitler.

Quando Hitler fez similares ofertas de paz a Moscou, para grande surpresa sua, encontrou nos soviéticos uma ansiedade de firmar um tratado de paz consigo. Na realidade, Stalin nunca firmou esse tratado com o propósito de manter a paz. Firmou, sim, para deixar que a Europa se destruísse em uma guerra de devastação e lhe deixara ao tempo necessário para construir sua própria força militar.

A verdadeira intenção de Stalin está revelada nos documentos do Alto Comando Soviético, que também estão em meu poder. Stalin manifesta sua intenção de entrar na guerra, no momento em que Hitler e as potências ocidentais estivessem aniquiladas mutuamente. Stalin tinha muito interesse prorrogar sua entrada na guerra, deixando que outros se confrontassem primeiro. Li seus planos militares e vi como alguns deles foram concretizados. Para 1941, os 10 mil tanques de Stalin tinham aumentado a 18 mil. No ano seguinte, 32 mil, dez vezes mais que a Alemanha. A Força Aérea também havia estado 10 a 1, a favor de Stalin.

Na mesma semana em que Stalin firmou o tratado de paz com Hitler, aquele deu ordens para construir 96 aeródromos na fronteira soviética do Oeste; 180 aeródromos mais estavam construídos para o ano seguinte. A estratégia de Stalin era constante: "Quanto mais se choquem as Potências ocidentais, mais debilitadas estarão. Quanto mais eu esperar, mais forte ficarei". Foi sob estas circunstâncias aterradoras que se teve início a Segunda

Guerra mundial. Uma guerra que foi oferecida aos soviéticos como que em uma bandeja de prata.

Consciente dos preparativos de Stalin, Hitler sabia que tinha que enfrentar-se com o comunismo, cedo ou tarde. E para esta luta, tinha de apoiar-se em homens totalmente leais; homens que fossem capazes de batalhar por uma ideologia contra outra. A política de Hitler sempre havia sido a de opor a cooperação entre as classes à sua luta.

Hitler havia observado que a luta de classes não havia trazido prosperidade ao Povo russo. Os trabalhadores russos estavam mal vestidos, como o seguem estando, mal alojados e mal alimentados. Até os dias de hoje os bem soviéticos são escassos, e ainda na atualidade o alojamento em Moscou são tão precários quanto àqueles dos tempos que antecederam a guerra. Para Hitler, o fracasso da luta de classes para a cooperação entre elas constituía a única alternativa justa. Para que isto funcionasse, Hitler se ocupou da idéia de que a uma classe não estivesse permitida a abusar da outra. É um fato de que as classes recentemente enriquecidas, emergentes da Revolução Industrial, abusaram de seus privilégios e foi por esta razão que os nacional-socialistas foram socialistas.

O Nacional Socialismo foi um Movimento Popular no mais estrito sentido do termo. A grande maioria dos nacional-socialstas eram trabalhadores. 70% da Juventude Hitlerista estava formada por filhos de trabalhadores manuais. Hitler ganhou as eleições porque a grande massa dos trabalhadores se havia unificado solidamente atrás dele. Muitas vezes, se perguntava por que seis milhões de comunistas que haviam votado contra Hitler haviam voltado suas espadas ao comunismo depois de que Hitler foi eleito em 1933. Diz-se que para isto, existiu uma só razão: foram testemunhas, experimentaram o outro bando. Existe uma só razão: foram testemunhas e experimentaram a troca. É mentira. Igual aos demais alemães leais, eles combateram durante anos na Frente russa com grande distinção.

Os trabalhadores nunca abandonaram a Hitler, mas as classes superiores o fizeram. Hitler criou sua fórmula de cooperação entre as classes, como uma resposta ao comunismo, com estas palavras: "A cooperação entre as classes significa que os capitalistas nunca mais tratarão aos trabalhadores como meros fatores da economia. O dinheiro é somente parte de nossa vida econômica; os trabalhadores são mais que máquinas das quais se lhes pode tirar um pacote de soldos a cada semana. A verdadeira riqueza da Alemanha está nos trabalhadores".

Hitler suplantou o ouro pelo trabalho como o fundamento de sua economia. O Nacional Socialismo constituiu o oposto exato do comunismo. Resultados extraordinários seguiram durante a eleição de Hitler.

Sempre escutamos falar sobre Hitler e os campos de concentração. Hitler e os judeus, mas nunca sobre sua obra social. Se tanto ódio foi gerado contra Hitler pelos banqueiros internacionais e pela imprensa servil, é precisamente por sua obra social. É óbvio que um Movimento genuinamente popular como o Nacional Socialismo tinha que estar em choque com os

interesses egoístas das altas finanças. Hitler deixou claro que o controle do dinheiro não conferia o direito para uma exploração de todo um país, porque existem pessoas vivendo nele, milhões delas, e que esta gente tem o direito de viver de modo digno e sem padecer de necessidades. O que Hitler fez e disse, ocasionou que ganhara o entusiasmo da juventude alemã. Foi esta revolução social a que a SS se sentiu impulsionada a difundir por toda Alemanha e defender com sua vida se era necessário.

A guerra de 1939 na Europa ocidental desafiava a toda razão. Foi uma guerra civil entre os quais deveriam ter estado unidos. Foi uma estupidez monstruosa.

Os jovens da SS haviam sido treinados para liderar a nova Revolução Nacional-Socialista. Em cinco ou dez anos estavam chamados a integrar-se a aqueles que haviam sido postos nos cargos pelo velho regime. Mas, ao começo da guerra, já não foi possível a esta gente jovem permanecer em casa. Igualmente a todos os demais jovens de sua Pátria, eles tinham de sair e defendê-la. E tinham de fazê-lo melhor que os demais.

A guerra converteu a SS, de uma força política interna, a um exército nacional guerreiro fora das fronteiras e, mais tarde, um exército supranacional.

Estamos agora no começo da guerra, na Polônia, com suas conseqüências de largo alcance. Teriam conseguido evitar a guerra? Enfaticamente sim! Inclusive depois do que desatou na Polônia.

O conflito de Danzig foi inconseqüente. O Tratado de Versalhes havia separado da Alemanha a cidade alemã de Danzig e se lhe havia dado à Polônia contra a vontade de seus habitantes.

Esta ação foi tão arbitraria que resultou unanimemente condenada por todo o mundo. Uma grande porção da Alemanha foi cortada ao meio. Para se ir da Prússia Ocidental à Oriental, era necessário viajar em um trem fechado através do território polonês. Os cidadãos de Danzig haviam votado em 99% a favor de que a cidade fosse reintegrada à Alemanha. O direito à autodeterminação dos Povos havia sido insistente e consistentemente ignorado. Sem dúvidas, a guerra na Polônia começou por razões distintas à autodeterminação de Danzig ou inclusive da Polônia.

Há alguns meses atrás, a Polônia havia atacado a Tchecoslováquia, ao mesmo tempo em que Hitler regressava os Sudetos à Alemanha. Os poloneses estavam preparados para trabalhar junto a Hitler. Se a Polônia se voltou contra a Alemanha, foi porque o Governo britânico fez tudo o que esteve a seu alcance para envenenar as relações teuto-polonesas.

Por que?

Deve-se ver nisto o perpétuo complexo de inferioridade dos dirigentes britânicos que sentiram frente à Europa. Este complexo se manifestou em obsessão do *establishment* britânico para manter a Europa débil, mediante as guerras e o desacordo.

Por aquela época, o Império Britânico controlava a 500 milhões de seres humanos fora da Europa mas, por alguma razão, estava mais preocupado por seu *hobby* tradicional: semear o desacordo no seu continente. Esta política de nunca permitir o ressurgimento de uma nação européia forte foi a operação do Poder britânico durante séculos inteiros.

Fosse tanto Carlos V e Espanha, Luis XIV ou na Napoleão na França ou Guilherme II na Alemanha, o *establishment* britânico nunca tolerou nenhum Poder unificado na Europa. A Alemanha nunca quis tomar parte nos assuntos britânicos. No entanto, o Governo britânico sempre fez o possível para infiltrar-se nos assuntos europeus, particularmente na Europa central e nos Bálcãs.

A entrada de Hitler em Praga fez com que os britânicos viessem correndo para a guerra. Praga e Boemia haviam sido partes da Alemanha por séculos, sempre estando dentro da esfera de influencia alemã. A intervenção britânica nesta área estava totalmente injustificada. Para a Alemanha, o regime de Praga representava uma séria ameaça. Benes, grande servo de Stalin, havia recebido a ordem de seus superiores no Kremlin de abrir as fronteiras tchecas aos exércitos comunistas diante da primeira indicação. Praga iria ser o trampolim soviético para invadir a Alemanha.

Para Hitler, em troca, Praga era um bastião na Europa central e um posto avançado para adiantar a invasão soviética. Estavam também os laços econômicos de Praga com a Alemanha. Ela havia tido sempre laços econômicos históricos com a Europa central. Romênia, Bálcãs, Bulgária, Hungria e Iugoslávia tinham duradouras economias complementares com a Alemanha, as quais seguem funcionando até o dia de hoje.

A economia política européia de Hitler estava baseada no sentido comum e no realismo. E foi o Mercado Comum Centro-Europeu de Hitler, mais que uma preocupação pela liberdade tcheca, o que o *establishment* britânico não podia tolerar.

Sem dúvidas, o Povo inglês sentia uma grande admiração por Hitler. Lembro que quando Lloyd George se dirigiu à imprensa alemã, que estava fora da casa de Hitler, onde o britânico acabava de estar invitado, disse: "Podem agradecer a Deus por terem um homem tão extraordinário como líder!". Se foi Lloyd o grande inimigo da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, quem teria dito isso?

O rei Eduardo V da Inglaterra, que justo havia abdicado e que era conhecido como o Duque de Windsor, também visitou Hitler em sua casa de Berchtesgaden. Chegou acompanhado de sua esposa, a qual, diga-se de passagem, havia sido usada para forçar sua abdicação. Quando regressaram à Inglaterra, o Duque enviou um telegrama a Hitler. Nele dizia: "Que dia maravilhoso nós passamos com vossa excelência. Inesquecível!". O Duque refletia sobre o que muita gente inglesa não sabia e não colocava o acento sobre "o bem que o passavam os trabalhadores alemães". O Duque estava decidindo a verdade. O trabalhador alemão ganhava o dobro, sem inflação, do que ganhava antes de Hitler, consequentemente seu nível de vida era alto.

Inclusive Churchill, o anti-alemão mais fanático de todos, havia enviado em 1938, um ano antes da guerra, uma carta a Hitler que dizia: "Sem alguma vez a Inglaterra cair em um desastre incomparável ao que afligiu a Alemanha em 1918, eu pediria a Deus que nos enviasse um homem com a força e o caráter de vossa excelência". O "Times" de Londres reproduziu esta curiosa afirmação.

Amigos ou inimigos, todos reconheceram que Hitler era um Homem de gênio excepcional. Seus logros constituíam a renovação do mundo. Em cinco curtos anos, havia reconstruído a uma Nação destruída, tomada por milhões de desempregados, convertendo-a na potência econômica mais forte da Europa. Foi tão forte que, aquele país que era a Alemanha resistiu durante seis anos uma guerra contra todo o mundo.

Churchill mesmo reconheceu que nada no mundo poderia mostrar êxito similar. Afirmou isto antes da guerra. Posteriormente, recebeu outras instruções. O *establishment* temeroso de que os êxitos de Hitler pudessem estender-se a outros países, estava determinado a destruí-lo. Criou o ódio contra a Alemanha por toda Europa, fomentando velhas revoltas. Também explorou a antipatia que alguns europeus sentiam com a Alemanha.

A alta taxa de natalidade dos alemães havia feito da Alemanha o país mais populoso da Europa ocidental. Na ciência e tecnologia, a Alemanha estava acima tanto da França como da Inglaterra. Hitler havia convertido seu país em uma poderosa máquina econômica. Esse foi o crime de Hitler e o *establishment* britânico optou por destruir a Hitler e a Alemanha através de todos os meios possíveis.

Os britânicos manipularam o Governo polonês até vê-lo enfrentar a Alemanha. Os próprios poloneses estavam mais que dispostos a viver em paz com os alemães. Em lugar disso, esses desafortunados foram embarcados em uma guerra contra a Alemanha pelos britânicos. Não se deve esquecer que um milhão e meio de alemães viviam na Polônia naquela época, para grande benefício sua economia. À parte de seus laços econômicos, os poloneses viam a possibilidade de que, com a ajuda alemã, poderiam recuperar seus territórios na União Soviética; territórios que haviam tratado em vão de recobrar em 1919.

Em Janeiro de 1939, Hitler havia proposto a Beck, líder polonês, um compromisso para resolver a questão de Danzig: o voto dos habitantes da cidade para retornar a Alemanha seria respeitado e a Polônia continuaria tendo acesso a um porto livre e às instalações, o que se garantiria com o tratado.

A noção predominante por aqueles dias, no sentido de que cada país deveria ter um porto marítimo, realmente não tem sentido. Suíça, Hungria e outros países sem portos marítimos se manejam perfeitamente bem. As propostas de Hitler estavam baseadas nos princípios de autodeterminação e reciprocidade. Inclusive Churchill admitiu que uma solução semelhante poderia eliminar o problema de Danzig. Esta confissão, sem dúvidas, não lhe impediu de enviar um ultimato à Alemanha: retirada da Polônia ou guerra. O mundo acaba de ver o que sucedeu quando Israel invadiu o Líbano. Cidades densamente povoadas como Tiro e Sidón foram destruídas da mesma forma

que Beirut Ocidental. Todo mundo aclamou por uma retirada de Israel, mas ninguém lhe declarou guerra quando este negou retirar-se.

Com somente um pouco de paciência, uma solução pacífica podia ter-se feito para Danzig. Em lugar disso, a imprensa internacional desatou uma campanha massiva de mentiras manifestada de distorções contra Hitler. Suas proposições foram deliberadamente mal interpretadas por meio de um cruel assassinato. De todos os crimes da Segunda Guerra Mundial, nunca escuta nada dos massacres totais que ocorreram na Polônia justamente antes da guerra. Possuo informações detalhadas em meu arquivo, que documentam o assassinato massivo de alemães indefesos na Polônia. Milhares de alemães; homens, mulheres e crianças foram massacrados de uma forma mais horrível pelas massas de um populacho enlouquecido pela imprensa. As fotografias destes massacres são violentas demais para ser vistas. Hitler decidiu barrar o massacre e correr ao resgate.

A campanha da Polônia demonstrou que Hitler era um gênio militar. A História já começou a reconhecer esta assombrosa característica sua: seu gênio excepcional militar. Todas as campanhas militares de êxito do III Reich foram pensadas e dirigidas por Hitler pessoalmente, não pelos chefes de Estado Maior Conjunto. Ele inspirou a um número de generais que se tornaram seus ajudantes em campanhas posteriores.

COMBATES E DISTINTIVOS DAS DIVISÕES SS

1. SS PANZERDIVISION "LEIBSTANDARTE ADOLF HITLER"

Saída da guarda de *corps* pessoal do Führer, dirigida por Sepp Dietrich. Participa em todas as campanhas: Polônia, Holanda, França, Grécia, Ucrânia, Itália, Normandia, Arderas e Hungria. Distintivo: o salvo-conduto denominado "Dietrich" em alemão.

2. SS PANZERDIVISION "DAS REICH"

Saída dos três regimentos de *Verfügungstruppe* e mandada por Paul Hausser. Intervêm na Polônia, Holanda, França e Sérvia. Chega às portas de Moscou em 1941. Ocupa Tolon em 1942. Combate em Jarkov e Kursk em 1943, na Normandia e nas Ardenas em 1944 e ante Budapeste e Viena em 1945. Distintivos: a runa de combate.

3. SS PANZERDIVISION "TOTENKOPF"

Saída dos *Totenkopfverbände*, comandados por Theodor Eicke. Intervém em 1940 na região de Dunkerque em 1941 em frente ao Leningrado.

Combate na Ucrânia (Jarkov), depois na Polônia (Varsóvia) e logo na Hungria (lago Batalon). É aniquilada nas proximidades de Viena. Distintivo: a caveira (Totenkopf).

4. SS PANZERGRENADIERDIVISION "POLIZEI I"

Saída da polícia de ordem (Orpo). Participa na campanha da França. Intervém nos Países Bálticos no verão de 1941 frente a Leningrado e na retaguarda contra os guerrilheiros. Transladada a Iugoslávia e logo a Grécia. Aniquilada junto ao Oder. Distintivo: a runa do lobo.

Durante a campanha polonesa, o Estado Maior havia planejado uma ofensiva ao longo da costa no Báltico, pretendendo tomar Danzig; um plano logisticamente condenado ao fracasso. No lugar disso, Hitler interveio e propôs a Blitzkrieg ou guerra relâmpago, e em apenas alguns dias capturou Varsóvia. As Waffen SS apareceram na Frente polonesa e seu desempenho assombrou o mundo.

A segunda campanha, na França, também foi suave e humana. As forças anglo-francesas haviam corrido à Holanda e Bélgica para frear o avanço alemão, mas foram surpreendidas e franqueadas em Sedan. Tudo terminou em questão de dias.

Corre a lenda de que Hitler não tinha nada que ver com esta operação; que a mesma foi inteiramente obra do General von Manstein. Isto é completamente falso. O Marechal realmente havia concebido a idéia, mas quando a apresentou ante os Chefes do Estado Maior Conjunto, foi castigado, removido e retirado a Dresden. E o Estado Maior sequer comunicou este

incidente a Hitler. Seguindo seu próprio critério, Hitler fez uma campanha com as mesmas linhas e derrotou as forças anglo-francesas. Apenas em Março de 1940 é que von Manstein tomou contato com Hitler.

Hitler também planejou as campanhas da Rússia. Em raras ocasiões, Hitler permitiu ao Estado Maior que avançasse por conta própria. No caso de Kursk, a batalha foi perdida.

Na campanha polonesa de 1939, Hitler não confiou nas teorias militares desenhadas nos livros de cinqüenta anos de antiguidade, como propunha o Estado Maior. Pelo contrário, se baseou em seu próprio plano de envolver rapidamente o inimigo com movimentos de pinças. Em oito dias da guerra com a Polônia, ganhou e terminou-a, por mais que o país fosse tão grande quanto a França.

A campanha de oito dias veio a três regimentos da SS em ação; a Leibstandarte, o Deutschland e o Germania. Teve também um batalhão de motociclistas SS, um corpo de engenheiros e uma unidade de transporte. No total, era uma força pequena, de 25 mil homens.

Sapp Dietrich e seu Leibstandart, depois de saltar da Silésia ao ataque, cortaram a Polônia em duas em questão de dias. Com menos de 3 mil homens, derrotou uma força polonesa de 15 mil, tomando 10 mil prisioneiros. Vitórias semelhantes não podiam ser obtidas sem perdas.

É difícil fazer-se a idéia de que de um total de um milhão de SS, morreram em ação 352 mil e desapareceram outros 50 mil. São cifras cruéis! 400 mil da flor da juventude européia! Sacrificaram suas vidas, sem em nenhum instante questionar o ideal em que acreditavam. Sabiam que tinha de dar o exemplo. Foram os primeiros na linha de fogo, como um modo de defender a suas Pátrias e a seus ideais. Tanto na vitória como na derrota, a Waffen SS sempre buscou ser o representante mais destacado de cada povo.

E a SS foi uma expressão democrática de Poder: pessoas reunidas por sua própria e livre vontade.

O consenso de uma urna eleitoral não é o único possível: também está o consenso da mente e do coração das pessoas. Em ação, a Waffen SS fazia plebiscito: que o povo alemão se sentisse orgulhoso deles, que lhes desse seu respeito e carinho. Motivações como essa fez dos voluntários da Waffen SS os melhores guerreiros do mundo.

Seus se haviam provado a si mesmos, estando em ação. Eles simplesmente davam suas vidas; eram os primeiros a ir e batalhar em um arranque extraordinário de camaradagem. Esta camaradagem foi uma das características mais distintivas da SS: um chefe das SS era o camarada dos demais.

Foi nas linhas de fogo que os resultados dos treinamentos físicos puderam observar-se realmente. Um oficial das SS tinha o mesmo rigoroso treinamento que seus soldados. Esses oficiais e os civis competiam nos

mesmos torneios desportivos, e o melhor ganhava, sem distinção de hierarquia ou grau. Isto criou uma verdadeira irmandade que, literalmente, encheu de energia a toda a Waffen SS. Somente o trabalho em equipe, englobado por um ideal superior, podia unificar a Europa. Olhe para o Mercado Comum de hoje. É um fracasso. Não existe nenhum ideal unificador. Tudo está baseado sobre o debate em relação ao preço de um quilo de tomates, aço, carvão ou uma embriaguez. As uniões frutíferas estão baseadas em algo pouco mais elevado que tudo isso.

A relação de igualdade e respeito mútuo entre soldados e oficiais sempre esteve presente. A metade de todos os Comandantes de Divisão foi morta em combate. A metade! Não existe um exército no mundo aonde isto tenha acontecido. Os oficiais SS sempre conduziam pessoalmente suas tropas ao combate. Eu mesmo participei de 75 combates corpo a corpo porque, como oficial SS, tinha que ser o primeiro a tomar contato com o inimigo. Os soldados da SS não eram enviados ao matadouro por oficiais detrás das linhas; seguiam-lhes com uma lealdade apaixonada. Cada comandante SS conhecia e ensinava a todos os seus homens; e, freqüentemente, recebia respostas inesperadas...

Depois de romper o cerco de Tcherkassy, falei com todos os meus soldados; um por um. Havia milhares nesse momento; durante duas semanas, todos os dias, desde a aurora até o entardecer, lhes fazia perguntas e escutava suas respostas. Algumas vezes acontece que os soldados que se ufanam um pouco quando recebem medalhas, enquanto que outros – Heróis sem discussão – se calavam, ficando esquecidos. Falei com todos eles, pois queria saber de primeira mão o que havia passado e o que haviam feito. Para ser justo, tinha que conhecer a verdade.

Foi nesta ocasião que, de repente, dois de meus soldados arrancaram a reluzir seus cartões de identificação do Movimento da Resistência Belga. Tinham sido enviados para assassinar-me. Em uma linha de fogo é muito simples matar a alguém pelas costas. Mas aconteceu que o extraordinário espírito de equipe das SS os havia ganhado. Os oficiais SS podiam esperar lealdade de seus homens, em virtude do exemplo que davam.

A expectativa de vida de um oficial SS na Frente era de 3 meses. Na Estônia recebi – em uma segunda feira – a dez novos oficiais da academia de Bad Toelz. Para a quinta-feira restava somente um, e estava ferido.

Nos exércitos convencionais, os oficiais lhes falam à tropa de superior para inferior, e raramente como irmãos em combate e irmãos em ideologia. Por isso, para 1939, a Waffen SS tinha ganhado a admiração e o respeito geral Isto deu a Hitler a oportunidade para exigir um aumento em seu número. Em lugar de regimentos, agora haveria três divisões. Novamente, o Alto Comando do Exército estabeleceu condições de recrutamento draconianas:

A SS somente podia recrutar pelo menos de 4/4 de serviço de combate. Os comandantes acreditavam que ninguém aceitaria tal risco. Mas, outra vez, acreditaram mal. Durante o mês de Fevereiro de 1940 somente, 49 mil voluntários se somavam às SS. De 25 mil que eram em Setembro de 1939,

haveria 150 mil SS para Maio de 1940. Assim cresceram; de 180 a 8 mil, a 25 mil, a 150 mil até chegar a um milhão de homens; e isto contra todos os obstáculos e dificuldades.

Hitler não tinha nenhum interesse de ver-se envolto com a guerra na França; uma guerra que lhe havia sido imposta.

Os 150 mil SS teriam que servir às ordens do Exército e foram-lhes encomendadas as missões mais difíceis e perigosas. Apesar do fato de que foram abastecidos com armas de mão e com equipamento inferior, não tinham tanques. Em 1940, a Leibstandarte foi equipada por alguns poucos blindados de reconhecimento. Para a SS, deram-se-lhes rodas e isso foi tudo. Mas com caminhões, motocicletas e outros vários meios ilimitados, eles foram capazes de realizar surpreendentes façanhas.

Os regimentos da Leibstandarte e Der Führer foram enviados à Holanda sob o comando de Sepp Dietrich. Tinham que cruzar os canais holandeses. A Luftwaffe havia lançado pára-quedistas para assegurar as pontes a 200 quilômetros dentro do território holandês, e era vital para as SS chegar a estas pontes com a maior velocidade.

A Leibstandarte realizaria uma façanha sem precedentes em dez dias: Os 200 quilômetros foram percorridos em um só dia. Foi algo nunca visto até esse momento e o mundo inteiro ficou assombrado. A esse ritmo, as tropas alemãs poderiam chegar à Espanha em uma semana. Em um dia, as SS haviam cruzado todos os canais holandeses sobre primitivas balsas de borracha. Aqui, novamente, as baixas das SS foram altas. Mas graças a seu heroísmo e a sua velocidade, o Exército alemão chegou à Roterdã em três dias. Os pára-quedistas haviam arriscado serem varridos se a SS não cumprisse com seu avanço-relâmpago.

Na Bélgica, o regimento SS Der Führer se deu de cabeça contra o Exército francês, o qual depois de cair na armadilha de Sedan, havia corrido para Breda, na Holanda. Ali, pela primeira vez, se veria a um pequeno, mas motivado exército, enfrentar a um grande Exército Nacional. Bastou somente um regimento SS e algumas tropas alemãs para fazer cambalear a todo o Exército francês e fazê-lo retroceder desde Breda até a Antuérpia, Bélgica e o Norte da França.Os regimentos das Leibstandarte e Der Führer avançaram conjuntamente sobre as ilhas Zealand, entre os rios de Escalda e o Reno. E em poucos dias as ilhas estariam sob seu controle.

Em um tempo incrivelmente curto, a Leibstandarte cruzou a Bélgica e o Norte da França. A segunda maior batalha dos regimentos SS acontece conjuntamente com a Divisão blindada do Exército. As SS, contudo, com seus escassos blindados, estão sob o mundo dos Generais Guderian e Rommel. Projetam-se em uma ponta de lança rumo o Mar do Norte.

Sepp Dietrich e suas tropas cruzaram agora os canais franceses, mas atolam-se em um lamaçal inimigo e apenas conseguem ser exterminados. Mas, apesar da perda de muitos combatentes, oficiais e um comandante de

batalhão, todos mortos em combate, os alemães chegam a Dunquerque. Hitler está orgulhoso de todos eles.

À semana seguinte, Hitler os localiza ao longo do rio Somme, a partir de onde saltarão para atravessar toda a França. Aqui, novamente, as SS demonstrarão que são a melhor tropa de ataque do mundo. Sepp Dietrich e a segunda Divisão das SS, das SS Totenkopf, avançavam tão distante, tão rápido, que até perdem o contato com o resto do exército durante três dias.

De repente, encontraram-se em Lion, França; uma cidade que tiveram que abandonar logo após o tratado de Paz franco-alemão. Sepp Dietrich e um punhado de SS sobre caminhões haviam conseguido o impossível. A divisão SS Der Führer constituiu uma ponta de lança que rompeu a Linha Maginot. Todo o mundo havia dito que a linha era impenetrável.

A Guerra na França terminou. Hitler fez com que três Divisões SS marchassem por Paris. Berlim também rendeu honras aos heróis. Mas o Exército estava tão invejoso que não citaria a somente um SS por valentia ou coragem. Foi Hitler em pessoa quem, frente a todo o Parlamento alemão, pagou solene tributo ao heroísmo das SS. Foi nesta ocasião que Hitler reconheceu oficialmente o nome de Waffen SS.

Mas foi algo a mais do que uma simples mudança de nomes. A Waffen SS se fez germânica, ao tempo que voluntários eram aceitos de todos os países germânicos. As SS haviam descoberto por elas mesmas que as pessoas da Europa Ocidental estavam estritamente aparentadas com eles. Os noruegueses, dinamarqueses, holandeses, flamengos... Todos pertenciam à mesma família germânica. Estes povos germânicos estavam muito impressionados com a SS, e também o estavam – deve ser dito – os franceses.

As pessoas na Europa Ocidental haviam ficado maravilhadas com esta extraordinária força alemã, possuidora de um estilo incomparável: se dois exploradores SS chegavam a um povoado antes que todo o mundo, montados em motocicletas; antes de apresentar-se às autoridades locais, primeiro se arrumariam e se limpariam com efeito de fazer impecável o seu aspecto. O povo não poderia estar menos do que impressionado.

A admiração que os jovens europeus de ascendência germânica sentiram pelas SS foi muito natural. Milhares de homens jovens da Noruega, Dinamarca, Flandres e Holanda haviam ficado pasmos, surpreendidos e admirados. Sentiram-se irresistivelmente atraídos pelas SS. Não era a Europa, mas sua própria raça germânica a que tão profundamente impulsionava suas emoções. Identificaram-se com os alemães vitoriosos. Para eles, Hitler era o Homem mais excepcional que jamais haviam visto. E Hitler os compreendeu, e concebeu a notável idéia de abrir-lhes as portas das SS. A coisa era bastante arriscada. Ninguém havia pensado nisto antes. Antes de Hitler, o imperialismo alemão havia consistido meramente em trocar alguns bens de pouco valor com outros países, sem idéia alguma de criar uma ideologia chamada “comunitarismo” – um ideal comum com todos os seus vizinhos.

De repente, em lugar desta troca barata e do furto, havia aqui um Homem que oferecia um ideal glorioso: uma justiça social ampla, pela qual todos haviam aspirado em vão durante anos. Uma generosa Nova Ordem, em lugar do cosmopolitismo disforme das, assim chamadas, “democracias” do pré-guerra. A resposta à oferta de Hitler foi gigantesca. Legiões da Noruega, Dinamarca, Holanda e Flandres foram criadas. Milhares de jovens levavam agora o uniforme das SS. Hitler criou para eles, especialmente, a famosa Divisão Viking. Uma divisão destinada a converter-se em uma das mais formidáveis das Waffen SS.

O Exército ainda seguia fazendo todo o possível para evitar que os jovens ingressassem às SS na Alemanha, e atuava como se as SS sequer existissem. Tendo este fundo de obstrucionismo em casa, era normal e compreensível que as SS recebessem excelentemente as pessoas fora da Alemanha.

Os alemães que viviam no estrangeiro ofereciam uma rica fonte de voluntários. Assim como há milhões de norte-americanos de origem alemã, também há milhões de alemães em todas as partes da Europa – na Hungria, na Romênia, na Rússia. Existiu, inclusive, uma Republica Soviética dos Alemães do Volga. Seus membros eram descendentes de alemães que haviam emigrado há dois séculos. Outros europeus, como os huguenotes franceses que foram à Prússia, também compartilhavam este tipo de emigração com os alemães. Deste modo, a Europa estava semeada de colônias alemãs. As vitórias do Terceiro Reich as haviam feito sentirem-se orgulhosas de pertencerem à grande família alemã. Hitler lhes deu as boas-vindas. Os considerava primeiro, como uma fonte para a elite SS e, também, como um fator importante para unificar ideologicamente a todos os alemães.

Aqui também a resposta entusiasta foi surpreendente. 300 mil voluntários de ascendência alemã se apresentariam provenientes de toda a Europa. Tão somente da Romênia seriam 54 mil. No contexto daquela época, estas cifras eram significativas. Havia numerosos problemas para resolver. De principio, a maioria dos voluntários germânicos já não falava alemão. Suas famílias haviam se estabelecido em países estrangeiros há 200 anos, ou coisa assim. Na Espanha, por exemplo, posso ver os filhos de meus legionários que se assimilam aos espanhóis – e seus netos já não falam francês. Os alemães se ajustam ao mesmo processo. Quando os primeiros voluntários germânicos chegaram às SS, falavam muitos idiomas distintos, tinham diferentes estilos de vida e distintas necessidades.

Como achar oficiais que soubessem falar todos estes idiomas? Como coordenar um bando tão diversificado? A superação destes problemas foi o milagre do programa de assimilação das Waffen SS. Este regresso das distintas “tribos” era visto nas Waffen SS como a fundação da verdadeira unidade Européia. Os 300 mil voluntários germânicos foram bem-vindos às SS como irmãos, e sua reciprocidade ficou demonstrada quando viu-se que eram tão dedicados, tão leais e tão heróicos como as SS alemãs.

No decorrer de um ano, tudo havia mudado para as Waffen SS. Os quartéis estavam repletos; as academias estavam saturadas. Os critérios de

admissão e os requerimentos mais estritos se aplicavam igualmente aos voluntários germânicos. Tinham que ser os melhores em todo o sentido, tanto física, quanto mentalmente. Tinham que ser os melhores da raça germânica.

O racialismo alemão foi deliberadamente distorcido. Nunca foi um racialismo "anti" – qualquer outra raça. Era um racismo pró-germânico. Sua preocupação era a de fazer a raça germânica forte e saudável em todo o sentido. Hitler não estava interessado em ter milhões de degenerados ao seu alcance o não. Hoje em dia, encontra-se um alcoolismo e um vício em drogas florescente em qualquer parte. Hitler se preocupava para que as famílias germânicas fossem saudáveis, se ocupava de que criassem filhos sãos para uma Nação sã. O racialismo germânico significava o descobrimento de valores criativos em sua própria raça, um descobrimento de sua própria cultura. Foi uma busca do excelente; uma notável idéia. O racialismo nacional socialista não estava contra as demais raças, mas a favor de sua própria. Propunha defender e a melhorar sua raça, desejando que as demais fizessem isso consigo próprias.

Isto ficou demonstrado quando as Waffen SS alargaram as suas fileiras para incluir 60 mil SS islâmicos. A Waffen SS respeitou seu estilo de vida, seus costumes e suas crenças religiosas. Cada batalhão das SS islâmicas tinha o seu "imã", cada companhia tinha um "mulá". Era nosso desejo comum que suas qualidades encontrassem a mais alta expressão. Esse era o nosso racialismo. Estive presente quando cada um de meus camaradas islâmicos recebeu um presente de Hitler pessoalmente, por razão do Ano Novo. Consistia de um pendente com um pequeno "Corão". Hitler lhes estava rendendo honras com este pequeno presente. Estava lhes rendendo honras com o que constituía o aspecto mais importante de suas vidas e de sua História. O racialismo nacional-socialista era leal à raça germânica e respeitava plenamente a todas as demais raças. Neste ponto alguém poderá perguntar: "E quanto ao racismo anti-judeu?". Respondendo-se assim: "E quanto ao anti-gentilismo judeu?".

Foi a raça judia a única que jamais tenha conseguido conviver com nenhuma outra raça. Este é um feito e um fenômeno histórico incomum. Quando um indivíduo estuda a História do Povo Judeu – e digo isto sem nenhuma paixão –, sua evolução ao longo dos séculos, ele observa que sempre, em todas as épocas e em todos os lugares, sempre foram odiados. Foram odiados no antigo Egito, na antiga Grécia, nos tempos de Roma, a tal ponto que 3 mil deles foram deportados para a Sardenha. Essa foi a primeira deportação dos judeus. Foram odiados na Espanha, na França, na Inglaterra (tiveram a entrada proibida neste país durante séculos) e na Alemanha. O consciencioso judeu Lazare escreveu um livro muito interessante sobre o "Anti-semitismo", aonde se perguntava: "Nós, os judeus, deveríamos fazer-nos uma pergunta: por que somos sempre odiados em todas as partes? Não é por causa de nossos perseguidores, todos de distinto tempo e lugar. É porque há algo dentro de nós que nos faz ser muito pouco apreciados". O que é ofensivo é o fato de que os judeus sempre quiseram viver como uma classe privilegiada, divinamente eleita, mais além de todo escrutínio. Esta atitude os fez antipáticos em todas as partes. A raça judia é, portanto, um caso único. Hitler não tinha nenhuma intenção de destruí-la. Queria que os judeus encontrassem sua

própria identidade, em seu próprio meio ambiente, mas não em detrimento dos demais.

A luta – se é que podemos chamá-la assim – do Nacional Socialismo com os judeus estava exclusivamente limitada a um só objetivo: que os judeus abandonassem a Alemanha em paz. Estava planejado dar-lhes um país próprio fora da Alemanha. Contemplou-se a possibilidade de Madagascar, mas o plano foi abandonado quando os Estados Unidos entraram na guerra. Enquanto isso, Hitler pensava em deixar os judeus vivendo em seus guetos tradicionais. Teriam suas próprias organizações, manejariam seus próprios assuntos e viveriam da maneira que quisessem viver. Teriam a sua própria polícia, seus próprios bondes, sua própria bandeira, suas próprias fábricas, as quais – deve ser tido – seriam construídas pelo Governo alemão. No que se referem às outras raças, todas eram bem-vindas na Alemanha em qualidade de hóspedes, mas não como ocupantes privilegiados.

Em um ano, a Waffen SS havia juntado um grande número de pessoas germânicas do Norte da Europa e centenas de milhares de alemães fora dela: os "Volksdeutsche", ou SS germânica. Foi então, quando estalou o conflito entre o comunismo e o Nacional Socialismo. O conflito sempre havia existido. Em seu "Mein Kampf", Hitler havia estabelecido claramente seu objetivo: "Eliminar a ameaça mundial do comunismo", e incidentalmente, reclamar algo de terras na Europa Oriental! Este expansionismo em direção ao Leste criou muita consternação: Como se atreviam os alemães a reclamar terras na Rússia? A isto alguém não pode menos do que contestar: Como puderam os norte-americanos reclamar as terras indígenas desde o Atlântico até o Pacífico? Como pode a França reclamar Flandres do Sul e Rossilhão da Espanha? E o que a Grã Bretanha, que o possui tantas outras nações as quais reclamaram, conquistaram e colonizaram em outros territórios? De algum modo, naquela época, estava muito bem para estes países assentar-se sobre terras estrangeiras, mas não o estava para a Alemanha. Pessoalmente, eu sempre defendi vigorosamente aos russos e, finalmente, tive êxito em convencer a Hitler de que os alemães deveriam conviver com os russos na qualidade de sócios, e não como conquistadores. Mas antes de conseguir esta colaboração, estava o assunto prioritário de eliminar ao comunismo.

Durante o pacto Germano-Soviético, Hitler estava tratando de ganhar tempo, mas os soviéticos estavam intensificando seus atos de agressão desde a Estônia até Bukovina. Leio para vocês alguns extratos de documentos soviéticos. São muito reveladores. Vejamos o que diz o mesmo Marechal Voroshilov:

"Agora temos o tempo necessário para preparar-nos para sermos os executores do mundo capitalista enquanto este está agonizando. Contudo, devemos ser cautelosos. Os alemães não devem ter nenhuma indicação de que estamos nos preparando para apunhalar-los pelas costas enquanto estão ocupados batalhando contra os franceses. De outro modo, poderiam mudar seu plano geral e atacar a nós".

No mesmo documento, o Marechal Voroshilov escreveu: "A coexistência entre a Alemanha de Hitler e a União Soviética é somente temporária. Faremos

com que não dure por muito tempo". O Marechal Timoshenko, por sua parte, não queria ser tão ansioso: "Não nos esqueçamos de que o nosso material bélico, procedente de nossas fábricas siberianas, não será entregue até o outono". Isto foi escrito a princípios de 1941 e o material seria entregue somente no outono. O Informe do Comissariado da indústria bélica afirmava: "Não estaremos em plena produção senão até 1942". O Marechal Zhukov fez esta extraordinária admissão: "Hitler tem pressa em invadir-nos; tem bons motivos para isso".

Realmente, Hitler tinha bons motivos para invadir a Rússia apressadamente, porque se dava conta de que seria varrido se não o fizesse. Zhukov agregava: "Necessitamos de alguns poucos meses a mais para retificar muitos de nossos defeitos antes do fim de 1941. Necessitamos de 18 meses para completar a modernização de nossa força".

As ordens são bastante precisas. Na quarta sessão do Soviete Supremo, em 1939, se decreta que os oficiais do exército servirão três anos, e os soldados quatro; o pessoal da Marinha, cinco. Todas estas decisões foram tomadas menos de um mês depois de que os soviéticos firmaram o Pacto com a Alemanha.

Assim, os soviéticos declaravam a paz enquanto se preparavam freneticamente para a guerra. Mais de 2.500 novas fortificações de concreto armado foram construídas entre 1939 e 1940. 160 divisões colocaram-se em estado de combate; 60 divisões blindadas estavam em alerta total.

Os alemães somente tinham 10 divisões blindadas panzer. Em 1941, os soviéticos tinham mais de 17 mil tanques e para 1942 tinham 32 mil. Tinham 92.578 peças de artilharia. E seus 17.545 aviões de combate de 1940 superavam a Força Aérea alemã.

É fácil de compreender que, com estes preparativos de guerra em progresso, a Hitler lhe restava somente uma opção: invadir a União Soviética imediatamente ou enfrentar-se com o aniquilamento.

A Campanha russa de Hitler foi da "ultima oportunidade". Hitler não foi à Rússia com muito entusiasmo. Disse-me mais tarde: "Quando entrei na Rússia, estava como um homem que se encontra ante a uma porta fechada. Sabia que deveria lançar-me através dela, mas sem saber o que haveria detrás". Hitler estava certo. Sabia que os soviéticos eram fortes, mas – acima de tudo – que também se tornariam ainda mais fortes. O ano de 1941 foi o único ano em que Hitler teve algum descanso. Os britânicos ainda não teriam tido êxito em expandir a guerra. Hitler, que nunca havia desejado a guerra contra a Grã Bretanha, ainda estava cuidando para fazer as pazes. Convidou-me para passar uma semana em sua casa. Queria discutir toda a situação e escutar ao que eu poderia dizer-lhe da mesma. Falou muito pouco e claramente. A atmosfera era informal e calma. Fazia a alguém sentir-se em casa, pois realmente desfrutava ser hospitaleiro.

Passava manteiga em pedaços de pão torrado de uma maneira distraída e os encaminhava-os aos demais. Apesar de que ele não bebia, buscava uma

garrafa de champanha depois de cada refeição, pois sabia que eu gostava tomar uma taça depois de comer. Tudo sem nada de exagero e com sincera amizade. Era parte de seu caráter ser um Homem de costumes simples, sem o menor fingimento; um Homem de grande modéstia. Falamos da Inglaterra. Perguntei-lhe diretamente: “Por que, demônios, Você não liquidou aos ingleses em Dunquerque? Todo o mundo sabia que poderia tê-los varrido do mapa”. E ele respondeu: “Sim, freei a minhas tropas e deixei que os ingleses fugissem para a Inglaterra. A humilhação de uma derrota assim, teria feito difícil falar de paz com eles depois”.

Ao mesmo tempo, Hitler me disse que queria seguir deixando que os soviéticos acreditassem que ele iria invadir a Inglaterra. Mencionou-me também que havia feito distribuir pequenos dicionários anglo-alemães entre suas tropas na Polônia. Os espiões soviéticos escondidos ali informaram minuciosamente ao Kremlin de que a presença alemã na Polônia não era nada mais que um “blefe”, e que as tropas estavam a ponto de abandonar seus postos para partir rumo às Ilhas Britânicas.

No dia 22 de Junho de 1941, foi a Rússia, e não a Inglaterra, o país que a Alemanha invadiu. As vitórias iniciais foram rápidas, porém custosas. Eu vivi a épica luta da Frente russa. Foi uma epopéia trágica. E também um martírio. Os quilômetros intermináveis da estepe russa eram perturbadores. Tínhamos que chegar ao Cáucaso a pé, sempre sob condições extremas. No verão, freqüentemente caminhávamos no barro que chegava até os joelhos, e no inverno havia temperaturas de vários graus abaixo de zero. Mas, ainda assim, por somente uma questão de dias, Hitler havia conseguido derrotar ao Exército Soviético e tomar um considerável número de prisioneiros.

A Divisão Blindada do General Guderian, que havia rodeado – ela sozinha – mais de um milhão de tropas soviéticas próximo a Kiev, havia chego a Moscou próximo ao local onde terminavam as vias das linhas de bondes. Foi então quando, de repente, caiu uma geada incrível: 40, 42, 50 graus abaixo de zero! Isto significou que não somente os homens congelavam-se; o equipamento também se congelava imediatamente. Os blindados não podiam mover-se. A lama de ontem havia se congelado para formar um só bloco de gelo, com meio metro de altura, congelando as esteiras dos tanques.

Em 24 horas, todas as nossas opções táticas haviam sido revertidas. Foi então que grandes massas de tropas siberianas, trazidas desde o distante oriente soviético, foram lançadas contra os alemães. Estes poucos trágicos dias de fome e gelo fizeram toda a diferença entre a vitória e a derrota. Hitler os devia à campanha italiana na Grécia, durante o outono de 1940.

Mussolini estava invejoso dos êxitos alemães. Era uma inveja profunda e silenciosa. Fui amigo de Mussolini; o conheci bem. Foi um homem admirável, mas a Europa não lhe preocupava demasiadamente. Não gostava de ser um espectador observando Hitler ganhar em todas as partes. Sentiu-se impulsionado a fazer algo por si mesmo, e a fazê-lo logo. Impulsivamente, lançou uma ofensiva sem sentido contra a Grécia.

Suas tropas foram imediatamente derrotadas. Mas deram aos britânicos a desculpa para invadir a Grécia que, até esse momento, não estava envolvida na guerra. Desde a Grécia, os britânicos poderiam bombardear os poços petrolíferos romenos, que eram vitais para o esforço bélico alemão. A Grécia poderia também ser usada para cortar e isolar as tropas alemãs em seu caminho à Rússia. Hitler viu-se obrigado a esmagar a ameaça de uma forma preventiva. Teve que perder cinco semanas nos Bálcãs. Suas vitórias nesta zona foram de um mérito logístico incrível, mas atrasaram o inicio da campanha russa em cinco críticas semanas.

Se Hitler pudesse ter iniciado a campanha a tempo, tal como estava planificado, poderia ter entrado em Moscou cinco semanas antes, sob o sol de um incipiente outono, quando a terra ainda estava seca. A guerra haveria terminado e a União Soviética teria passado a ser uma coisa esquecida. A combinação de uma repentina geada e a chegada das tropas siberianas fez com que se estendesse o pânico entre alguns velhos generais do Exército. Queriam retirar-se para 300 quilômetros de Moscou. É difícil imaginar uma estratégia tão obtusa! A geada afetava por igual a toda a Rússia, de Leste a Oeste, e retirar-se 300 quilômetros pelas estepes abertas somente poderia piorar as coisas. Eu estava comandando minhas tropas na Ucrânia por essa época e ali tínhamos 42 graus centigrados abaixo de zero.

Uma retirada semelhante significava abandonar toda a artilharia pesada, incluindo os blindados de assalto e os panzers atolados no gelo. Também significava expor a meio milhão de homens a uma séria perseguição soviética. De fato, significava condená-los à morte, seguramente. Basta somente alguém lembrar-se da retirada de Napoleão em Outubro. Chegou ao rio Berzina em Novembro e para o dia 6 de Dezembro, todas as tropas francesas haviam deixado a Rússia. Fazia muito frio certamente, mas não era uma campanha de inverno.

Podem vocês imaginar em 1941 a meio milhão de alemães, lutando contra uivantes tormentas de neve, com seu abastecimento cortado, sendo atacados por todas as partes por dezenas de milhares de cossacos? Eu enfrentei-me com cossacos lançados a toda a força e sei que somente um poder de fogo muito superior consegue detê-los. Para evitar uma retirada tão demencial, Hitler teve de afastar a mais de 30 generais em somente alguns poucos dias.

Foi então quando chamou à Waffen SS para encher os vãos e levantar a moral. Imediatamente, a Waffen SS se manteve firme na frente de Moscou. Ao longo de toda a guerra, ela nunca retrocedeu, cedendo terreno. Morreriam antes de retroceder. Não é possível esquecer-se das cifras. Durante o inverno de 1941, a Waffen SS perdeu 43 mil homens na Frente de Moscou. O regimento Der Führer lutou quase literalmente até o ultimo homem.

Somente 35 homens sobreviveram de todo o regimento. Os homens do Der Führer cravaram-se em seus postos e não houve tropa soviética que passasse. Tiveram que tratar de rodear às SS por entre a neve. Assim foi como o famoso General russo Vlasov, capturado pela Divisão SS Totenkopf. Sem seu heroísmo, a Alemanha teria sido aniquilada por Dezembro de 1941.

Hitler nunca se esqueceria: apreciou a força de vontade com que a Waffen SS havia desenvolvido frente a Moscou. Haviam demonstrado ter caráter e coragem. E isso era o que Hitler admirava mais do que nada: coragem. Para ele, o importante não era ter associados inteligentes ou astutos. Esta classe de gente freqüentemente pode cair-se em pedaços, como poderemos ver durante o inverno seguinte, na batalha de Stalingrado com o General Paulus.

Hitler sabia que somente a energia pura e a coragem, a negativa em render-se, a vontade de agarrar-se ao posto, ainda de forma contrária a todas as adversidades: somente com esses elementos é que se poderia ganhar a guerra.

As nevascas das estepes russas haviam demonstrado como o melhor Exército do mundo, o Exército alemão, com milhares de oficiais altamente treinados e milhões de homens disciplinados, simplesmente não era o suficiente. Hitler se deu conta de que seriam derrotados, que fazia falta outra coisa e que somente a fé inabalável em um ideal superior poderia sobrepor-se à situação. A Waffen SS tinha este ideal, e Hitler lhes empregou a partir de ali, em toda sua capacidade.

De todas as partes da Europa, os voluntários correram para ajudar a seus irmãos alemães. Foi então que nasceu a terceira grande Waffen SS. Primeiro havia estado a alemã, logo a germânica, e agora ali estava a “Waffen Européia”. Cento e vinte e cinco mil Homens se apresentariam para salvar a Civilização e a Cultura do Ocidente. Os voluntários se somavam em pleno conhecimento de que as SS tinham o maior número de baixas. Mais de 250 mil, entre um milhão morreriam em combate. Para estes voluntários, a Waffen SS era – apesar de todas as mortes – o nascimento da Europa. Napoleão havia dito em Santa Helena: “Não haverá Europa até que não surja um líder”.

Os Jovens voluntários europeus haviam observado duas coisas: primeiro, que Hitler era o Único líder capaz de construir a Europa e, segundo, que Hitler e somente Hitler poderia vencer a ameaça mundial do comunismo.

Para as SS européias, a Europa das pequenas invejas, a politicagem, as disputas fronteiriças, as rivalidades econômicas, careciam de interesse. Essa Europa era demasiada falsa e mesquinha. Ela não lhes era válida. Simultaneamente, as SS européias, por mais que admirassem a Hitler e ao povo alemão, não queriam converter-se em alemãs. Seus membros eram homens de seu próprio Povo, e a Europa era a reunião de todos os Povos da Europa. A unidade européia seria conseguida mediante a harmonia, e não mediante a dominação de um sobre os outros.

Discuti longamente estes temas tanto com Hitler como com Himmler. Hitler, como todos os homens geniais, havia superado a etapa nacional. Napoleão foi primeiro um corso, logo um francês e finalmente um europeu; para terminar sendo, seguramente, um homem universal. De modo parecido, Hitler havia sido um austríaco, logo um alemão, logo um alemão maior, logo germânico e, finalmente, havia compreendido a magnitude da tarefa de construir a Europa.

Depois da derrota do comunismo, a Waffen SS teria o solene dever de reunir todo o seu esforço e todo o seu Poder para construir uma Europa unificada e nem sequer se concebia que a Europa não-alemã fosse dominada pela Alemanha.

Antes de unir-nos às Waffen SS, havíamos passado por conflitos muito difíceis. Havíamos estado na Frente oriental, primeiro como unidades adjuntas ao Exército alemão, mas, durante a batalha de Stalingrado, percebíamos que a Europa estava seriamente ameaçada. Um grande esforço comum tornava-se imperativo. Em uma noite, tive um debate de 8 horas de duração com Hitler e Himmler, com relação ao status de europeus não-alemães dentro da Nova Europa.

De principio, esperávamos ser tratados como iguais, lutando por uma causa comum. Hitler compreendeu isto totalmente e, a partir de ali, tivemos nossa própria bandeira, nossos próprios oficiais, nosso próprio idioma, nossa própria religião. Tivemos um status completamente equiparado.

Fui o primeiro oficial a ter sacerdotes católicos dentro das Waffen SS. Mais tarde, sacerdotes de todas as confissões foram postos à disposição de todos os que os necessitavam. A divisão SS islâmica tinha seus próprios “mulás”, e os franceses tinham até mesmo um bispo! Estávamos satisfeitos de que, com Hitler, os europeus seriam federados como iguais. E sentíamos que a melhor maneira de merecer este lugar de iguais entre iguais era defender, nesta hora crítica, a Europa exatamente tão bem como o faziam nossos camaradas alemães.

Para Hitler, o que lhe importava, sobretudo, era a coragem. Criou uma nova cavalaria. Os que se faziam merecedores da “Ritterkreuz” – que significa “Cruz de Cavalheiro” – constituíam realmente cavalheiros de novo cunho. Mereciam-se esta nobreza da coragem. Cada uma de nossas unidades, uma vez que retornadas para casa após a guerra, seria a força que protegeria os direitos do Povo em cada um de nossos respectivos países. Todas as SS compreendiam que a unidade européia significava a unidade de toda a Europa, incluindo a Rússia.

Havia uma grande ignorância entre muitos alemães em relação aos russos. Muitos acreditavam que todos os russos eram comunistas, enquanto, na verdade, a representatividade dos russos na hierarquia comunista era menor do que insignificante. Também acreditavam que os russos eram diametralmente opostos aos europeus. Contudo, tinham estruturas familiares similares; possuem uma antiga civilização, uma fé religiosa profunda e tradições que não são diferentes de outros países europeus.

A SS européia olhava a Nova Europa na forma de três grandes componentes: Europa Central, como sua usina; Europa Ocidental como seu coração cultural, e a Europa Oriental como seu potencial. Deste modo, a Europa que a SS imaginava era vívida e real. Seus seiscentos milhões de habitantes viveriam desde o Mar do Norte até Vladivostok. Era neste espaço de 13 mil quilômetros que a Europa poderia concretizar o seu destino. Um espaço disponível para que a gente jovem pudesse começar uma nova vida. Esta

Europa seria o farol do mundo. Um conjunto étnico único. Uma antiga civilização, uma força espiritual e o mais avançado complexo tecnológico e científico. A SS se preparava para o elevado destino da Europa.

Comparem, vocês, estes objetivos, estes ideais, com os dos “Aliados”. Os Roosevelt e os Churchill venderam a Europa em Teerã, Yalta e Potsdam. Capitularam miseravelmente ante os soviéticos. Entregaram-lhes a metade da Europa à escravidão comunista. Deixaram que o resto do continente se desintegrasse moralmente, sem um ideal que o sustentasse. Em contrapartida, a SS sabia o que queria: uma Europa dos ideais era a salvação para todos.

Esta fé em ideais superiores inspirou a quatrocentos mil SS alemães, trezentos mil “Volksdeutsche” ou SS germânicos e trezentos mil SS europeus de distintos países. Todos voluntários. Um milhão de construtores da Europa.

As Nacionalidades nas Waffen SS

Alemães (1).................... 410.000

Húngaros.........................40.000

Albaneses.........................4.000

Hindus.............................5.000

Armênios.........................2.000

Italianos...........................10.000

Belgas (Valões).................8.000

Quirguiz...........................2.000

Bósnios............................15.000

Letões..............................25.000

Britânicos.........................100

Lituanos (2)......................5.000

Búlgaros...........................3.000

Noruegueses.....................8.000

Caucasianos......................15.000

Romenos..........................5.000

Cossacos...........................30.000

Russos..............................18.000

Croatas............................10.000

Sérvios............................4.000

Dinamarqueses.................6.000

Eslovenos.........................6.000

Espanhóis (3)....................500

Suecos.............................300

Estonianos........................15.000

Suíços..............................600

Finlandeses.......................4.000

Tártaros...........................10.000

Flamencos........................10.000

Tchecos............................5.000

Franceses..........................10.000

Turcomanos......................15.000

Georgianos........................2.000

Ucranianos (4)...................30.000

Gregos..............................1.000

Usbeques...........................2.000

Holandeses.........................40.000

Volksdeutschen (5).............300.000

(1) E austríacos: Reichsdeutschen.

(2) Não formaram unidades nacionais.

(3) Alistados individualmente nas SS após a partida da Divisão Azul.

(4) Originários da Ucrânia, Galícia e Rutênia.

(5) Sudetos, alsacianos, luxemburgueses, originários do Schleswig do Norte e do Tirol do Sul, alemães do Banato, da Boêmia e Moravia, da Eslováquia, da Polônia, da Hungria, da Romênia, da Sérvia, da Croácia, da Bulgária, da União Soviética (Região do Volga), etc.

As fileiras da SS cresceram, proporcionalmente com a extensão da guerra na Rússia. Quanto mais próxima estava a Alemanha da derrota, mais voluntários chegavam à Frente. Era algo fenomenal. Oito dias antes da derrota final, pude ver a centenas de jovens unirem-se às SS na Frente. Até o mesmíssimo final sabiam que deviam fazer o impossível para parar o inimigo.

Assim, a partir de uma Leibstandarte de cento e oitenta homens em 1933, até os regimentos da SS antes de 1939, até os três regimentos na Polônia, as três Divisões na França, as seis ao começo da guerra com a Rússia, às 38 de 1944, a Waffen SS chegou a ter 50 divisões em 1945. Quanto mais SS morriam, mais outros corriam para ocupar a seus postos. Tinham fé e se mantinham firmes até o limite mais extremo. Exatamente o contrário aconteceu em Janeiro de 1943, frente a Stalingrado. Ali, a derrota foi decidida por um homem sem coragem. Não foi capaz de enfrentar-se ao perigo com determinação; de dizer "não me rendo; ficarei aqui até vencer". Foi moral e fisicamente covarde, e perdeu.

Um ano mais tarde, as Divisões SS Viking e Wallonia foram cercadas da mesma forma, em Cherkassy. Com o desastre de Stalingrado fresco na mente de nossos soldados, bem poderiam ter sido desmoralizados. Para completar, eu estava de cama, com uma profunda ferida em um lado e uma febre altíssima. Como general ao comando das forças valãs da SS, sabia que tudo isto não era precisamente algo que conduzia a uma elevada moral. Levantei-me, assim, e durante 17 dias conduzi assalto após assalto para romper o cerco, me vi envolto em numerosos combates corpo a corpo, fui ferido quatro vezes, mas nunca deixei de batalhar. Todos os meus homens fizeram o mesmo, ou mais. O cerco foi rompido com pura valentia e espírito de SS. Depois de Stalingrado, quando muitos acreditavam que tudo estava perdido, quando as forças soviéticas desdobravam-se ao longo da Ucrânia, a Waffen SS parou o avanço soviético. Retomaram Charkov e infringiram uma severa derrota ao Exército soviético. Isto era o comum; a SS voltava a converter as derrotas em vitórias.

A mesma energia audaz também esteve presente na Normandia. O General Patton falaria das “orgulhosas Divisões SS”. A SS foi a coluna vertebral da resistência na Normandia. Eisenhower observou: “A SS combateu, como de costume, até o último homem”.

Se a Waffen SS não tivesse existido, a Europa teria sido varrida completamente pelos soviéticos em 1944. Teriam chegado a Paris muito antes que os americanos. Seu heroísmo deteve a niveladora soviética em Moscou, Cherkov, Cherkassy e Tarnopol. Os soviéticos perderam mais de 12 meses. Sem a resistência das SS, os soviéticos teriam estado na Normandia antes de Eisenhower. As pessoas demonstravam uma grande gratidão pelos jovens que sacrificavam suas vidas. Desde as grandes Ordens religiosas medievais, não se havia visto um heroísmo e um idealismo altruístico assim. Neste século de materialismo, a SS se levanta como uma brilhante luz de espiritualidade.

Não tenho nenhuma dúvida, em absoluto, de que os sacrifícios e os êxitos incríveis das Waffen SS terão seus próprios poetas épicos como Schiller. A grandeza na adversidade é o traço distintivo das SS.

Depois da guerra, a cortina do silêncio caiu sobre a Waffen SS, porém mais e mais homens jovens se interam, de algum modo, de sua existência e de seus êxitos. A fama está crescendo e os eles exigem saber mais. Em cem anos, quase tudo estará esquecido, mas se lembrará a grandeza e o heroísmo da Waffen SS. Será a recompensa por uma epopéia.